



**REVISTA LP
BATEMACUMBA**

número zero

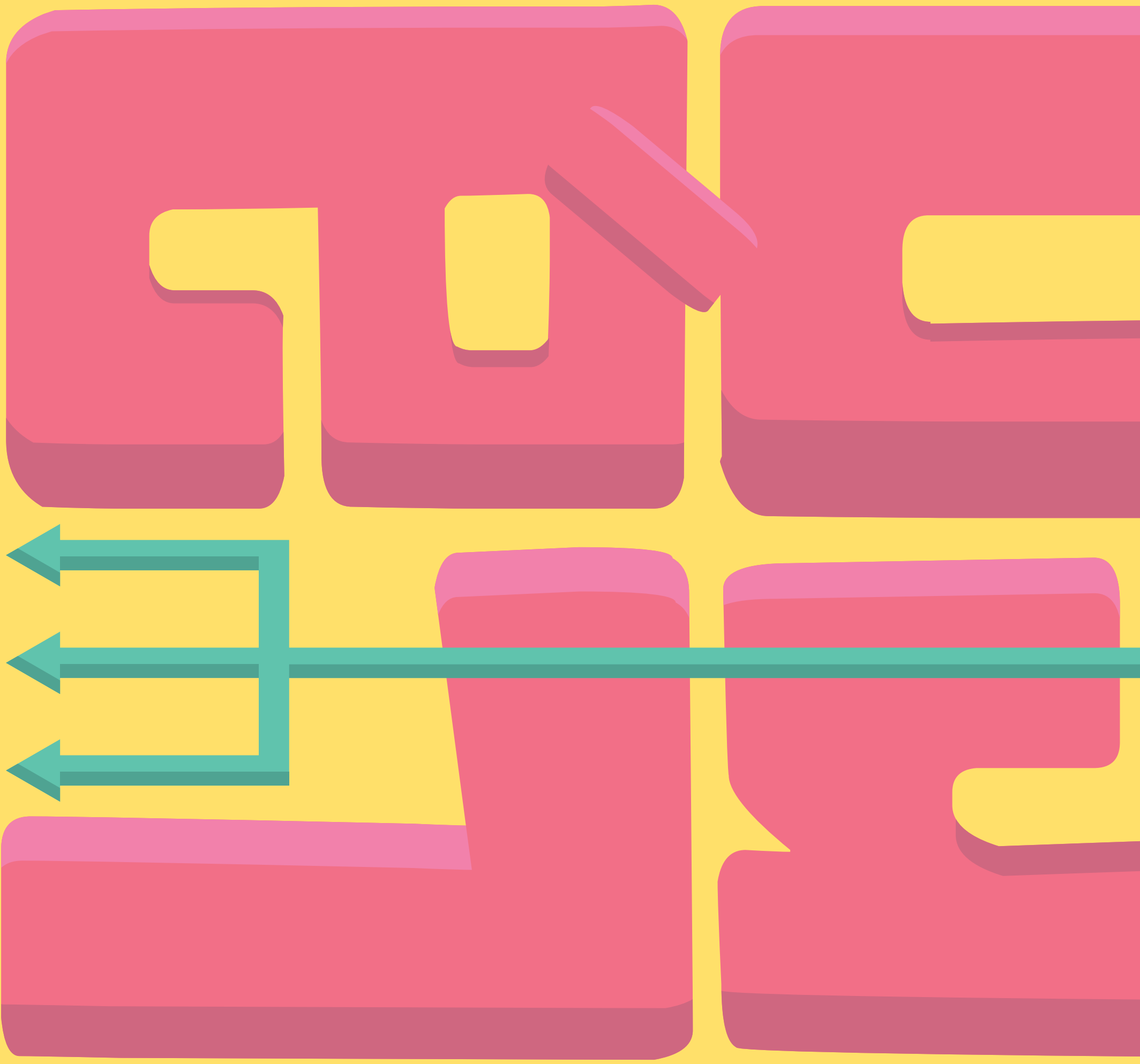
**FEVEREIRO
2014
Ano 1**

- 01. Editorial (Página 03)**
- 02. Laróyé (Página 05)**
- 03. Yorubahia (Página 21)**
- 04. Axé Music (Página 33)**

editorial

_Esta é a revista **LP**. Aqui você encontra uma série de ilustrações e pequenos textos baseados nas músicas afrobaianas, ancestrais e contemporâneas.

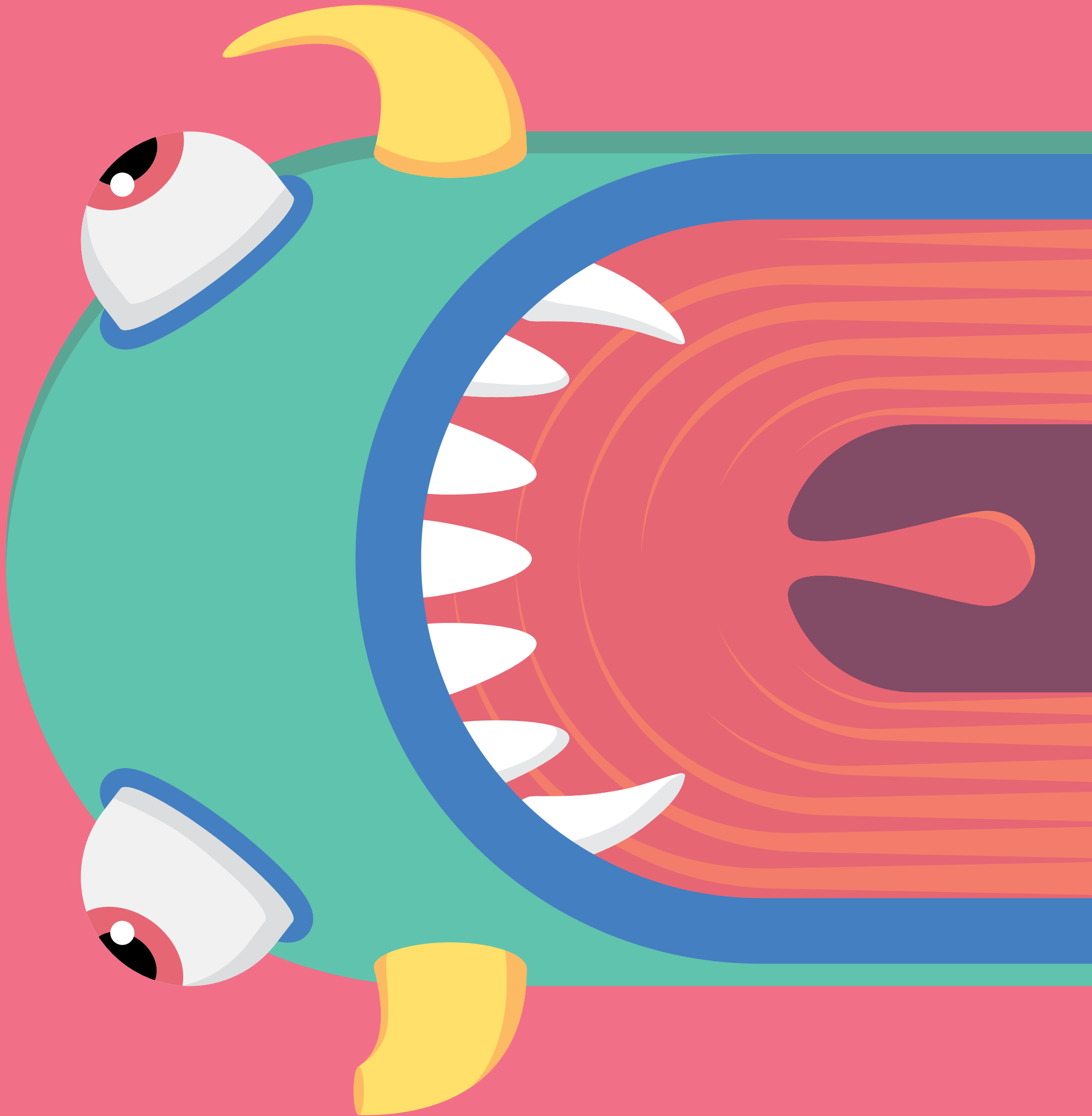
Aproveitem!





Canção
Outras Palavras
-Caetano Veloso-

alma buena dicha loka





VIXE, MARIA!

DEUS E O

DIABO NA

BANHA!

_Quando os negros africanos cruzaram o Atlântico no ventre dos navios negreiros, trouxeram consigo suas divindades. Eram ancestrais de seus grupos étnicos que se divinizaram e passaram, assim, a ser associados aos elementos da natureza.

_"Os orixás são um vento sagrado. Os orixás estão encantados num fragmento da natureza. Yemanjá não está encantada no mar? Oxum não está nos rios e nas cachoeiras? Xangô não está no fogo? Ogum não está no desbravamento das matas? Yansã não é a dona do vento? Eles são encantados", define pai Agenor Miranda.

_Nas terras do além-mar, os africanos escravizados foram impedidos pelos colonizadores de cultuar seus deuses livremente. Como forma de resistência, sintetizaram uma nova fé que sincretizava os orixás com os santos católicos. Foi assim: para cada orixá, um santo a tiracolo. Xangô – patrono do fogo, da justiça, da sabedoria – estava associado a São Gerônimo. Oya – guerreira que sopra ventos e tempestades – passou a ser identificada como Santa Bárbara. Oxosse – dono da

mata, da caça, da fartura – tinha, às costas, São Jorge. Yemanjá, Nossa Senhora da Conceição da Praia. Oxumaré, São Sebastião. Nanã, Nossa Senhora Santana. E assim por diante...

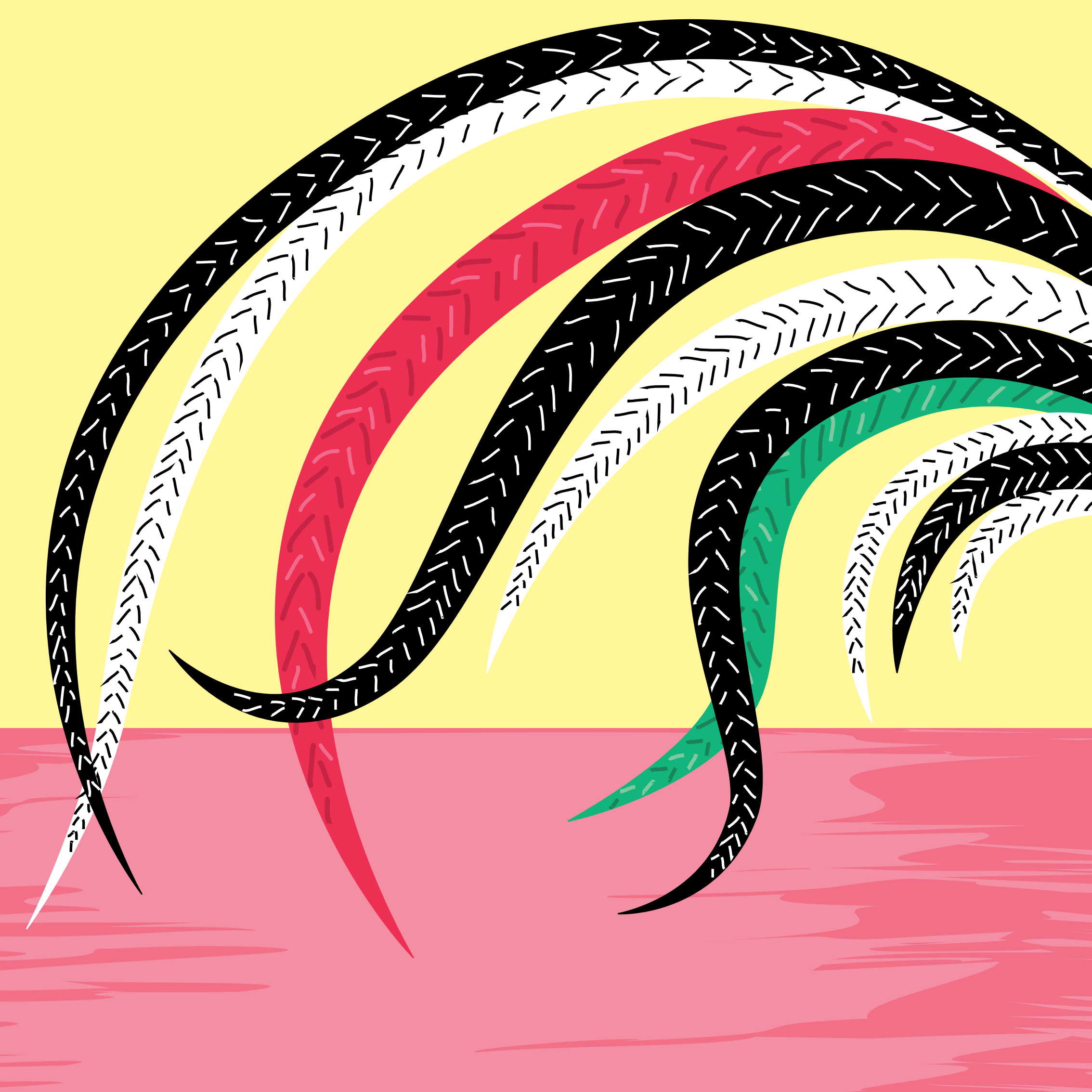
_Nesse jogo de ligar pontos, Exu foi sincretizado com o diabo. É claro que não poderia ser diferente. Exu é um deus amoral. Para ele, não existe distinção entre o mal e o bem. "De caráter irascível, gosta de suscitar dissensões e disputas, de provocar acidentes e calamidades. É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente, a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com essas características, comparam-no ao diabo, dele fazendo o símbolo de tudo que é maldade, perversidade, abjeção, ódio, em oposição à bondade, à pureza, à elevação e ao amor de Deus", registra Pierre Verger em seu livro *Os Orixás*.

_Além disso, Exu toma conta da potência sexual das pessoas. Gosta da cachaça, do fumo, da rua noturna, das encruzilhadas. Trata-se, aqui, de um deus cujo domínio é exatamente

oposto àquele dispensado e condenado pela doutrina religiosa cristã. Não seria o caso de questionar se a associação entre Exu e o diabo não poderia significar uma resistência de outra ordem? Ele protege o abjeto. Ele protege tudo aquilo que a lógica ocidental purista tentou por séculos lançar para debaixo do tapete. É maldito como os anti-heróis. Estampado num painel do Oiticica, naturalmente estaria: "Exu: seja marginal, seja deus".

agô: licença

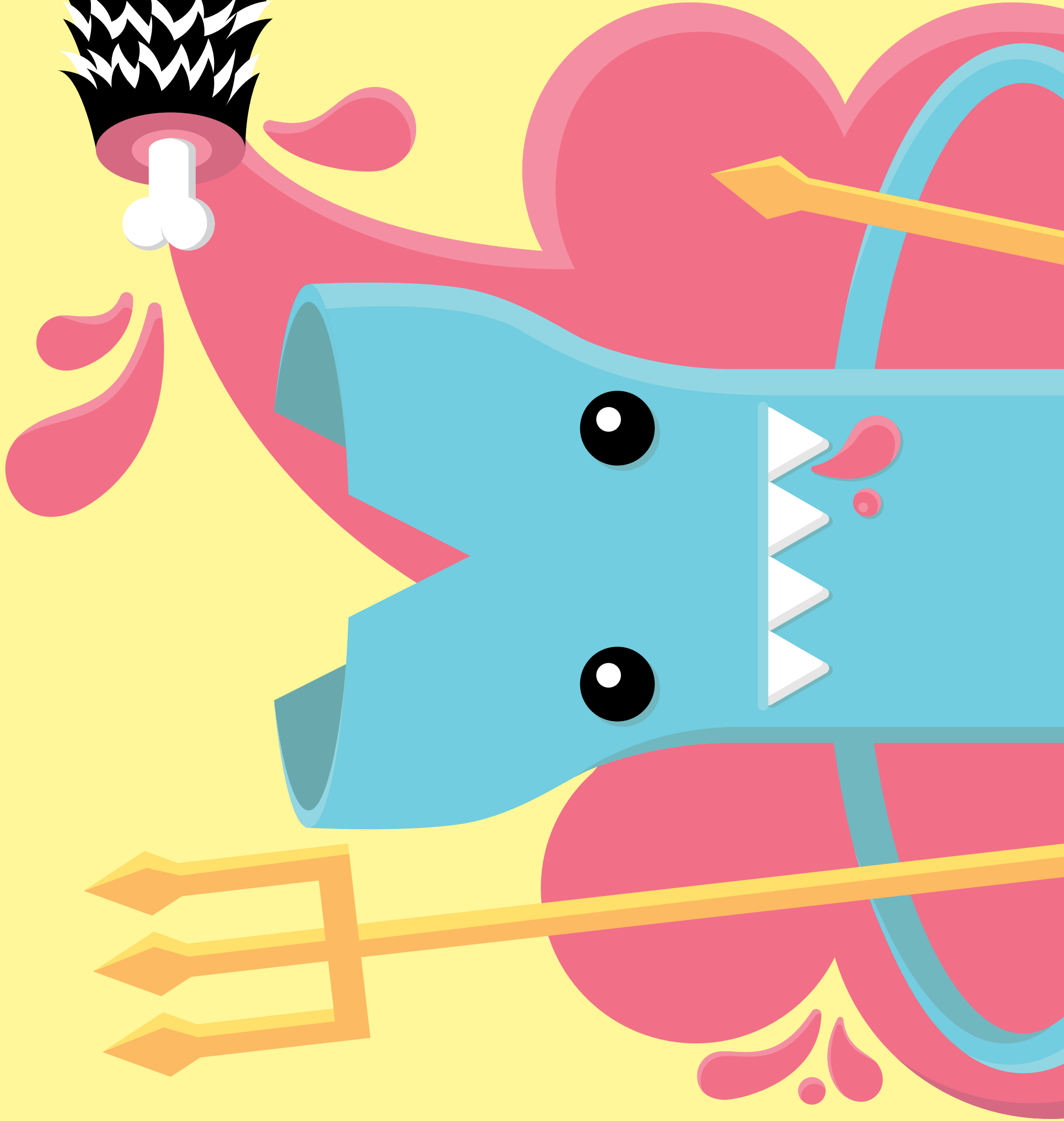
mojubá: saudação
de reverência



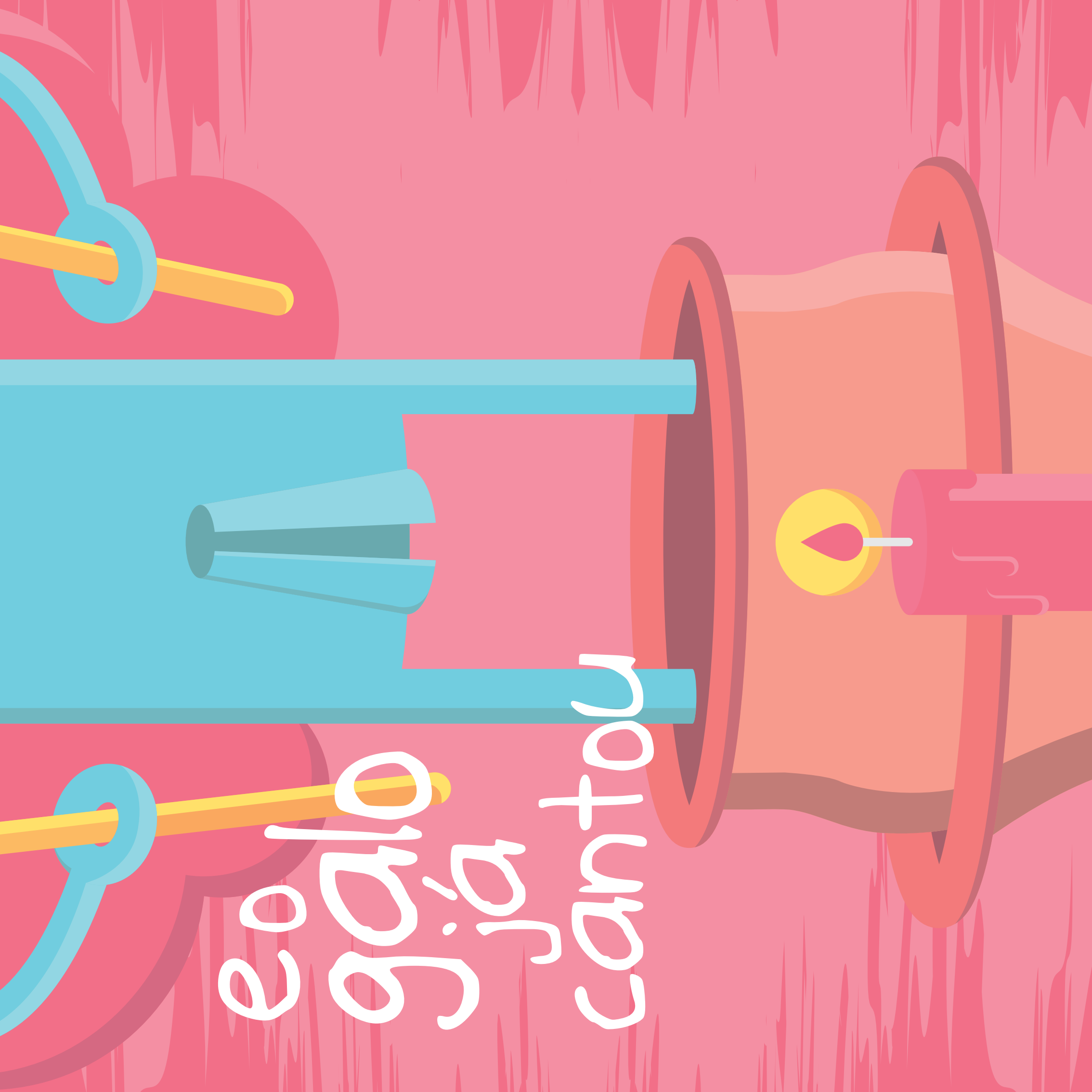


deu
meia

noite



eoio
gdaio
jia
cantou



gira,

deixa

a gira

gizar

_Deu meia-noite. Os ogãs colocam o *rum*, o *pi* e o *lé* no tempo. Eles começam a entoar os toques de Angola, uma das nações de candomblé que se desenvolveram aqui no Brasil. O pai-de-santo ergue o obé e, com ele, decepa a primeira cabeça de galinha. “Tem que ser bicho fêmea”, diz pai Dary de Obaluayê. Afinal trata-se de sacrifícios oferecidos para uma entidade feminina.

_Ouvem-se gritos e gargalhadas. As garrafas de sidra explodem no ar que, a esta altura, já está impregnado com a fumaça dos cigarros. São muitas mulheres. Colondina, Rosa, Sete Saias, Dama da Noite, Leque de Ouro, Bagaceira. Elas rodam em corpos masculinos e femininos, deslocando a rigidez das categorias de gênero.

_Num sistema de revezamento, elas chegam à frente dos atabaques e saúdam a todos os presentes com seus *ginkás* e *ilás*. *Ginká* é um movimento ondulatório que a entidade executa no *elegun* em que se manifesta. “Os ombros descem, abrindo o plexo solar. Depois o corpo se curva para frente com movimentos involuntários de ombro e, por fim, recupera sua postura inicial”,

descreve Paco Gomes, professor de dança afro contemporânea. O *ilá* é um grito característico que esses sujeitos místicos emitem para marcar presença.

_Essas mulheres etéreas são as chamadas padilhas ou pombas-gira. São eguns que retornam ao *ayê* para recriar o tempo em que eram vivas. Circulam pela casa de santo, cantando, bebendo, fumando, brincando com obscenidades. Eram prostitutas, meretrizes, rainhas de cabarés, que habitavam os baixos-centros urbanos.

_Sabe-se que o candomblé no Bahia desenvolveu-se a partir do cruzamento de diversas religiosidades africanas. Na África ancestral, cada grupo étnico cultuava um orixá específico. Aqui, no Bahia, esses deuses somaram-se a um único panteão. Outros cruzamentos, no entanto, aconteceram. O culto às pombas-gira é um exemplo do cruzamento entre a matriz cultural africana e a matriz cultural cigana. As padilhas são, muitas das vezes, identificadas com as ciganas por terem o dom da vidência através das cartas e da quiromancia.

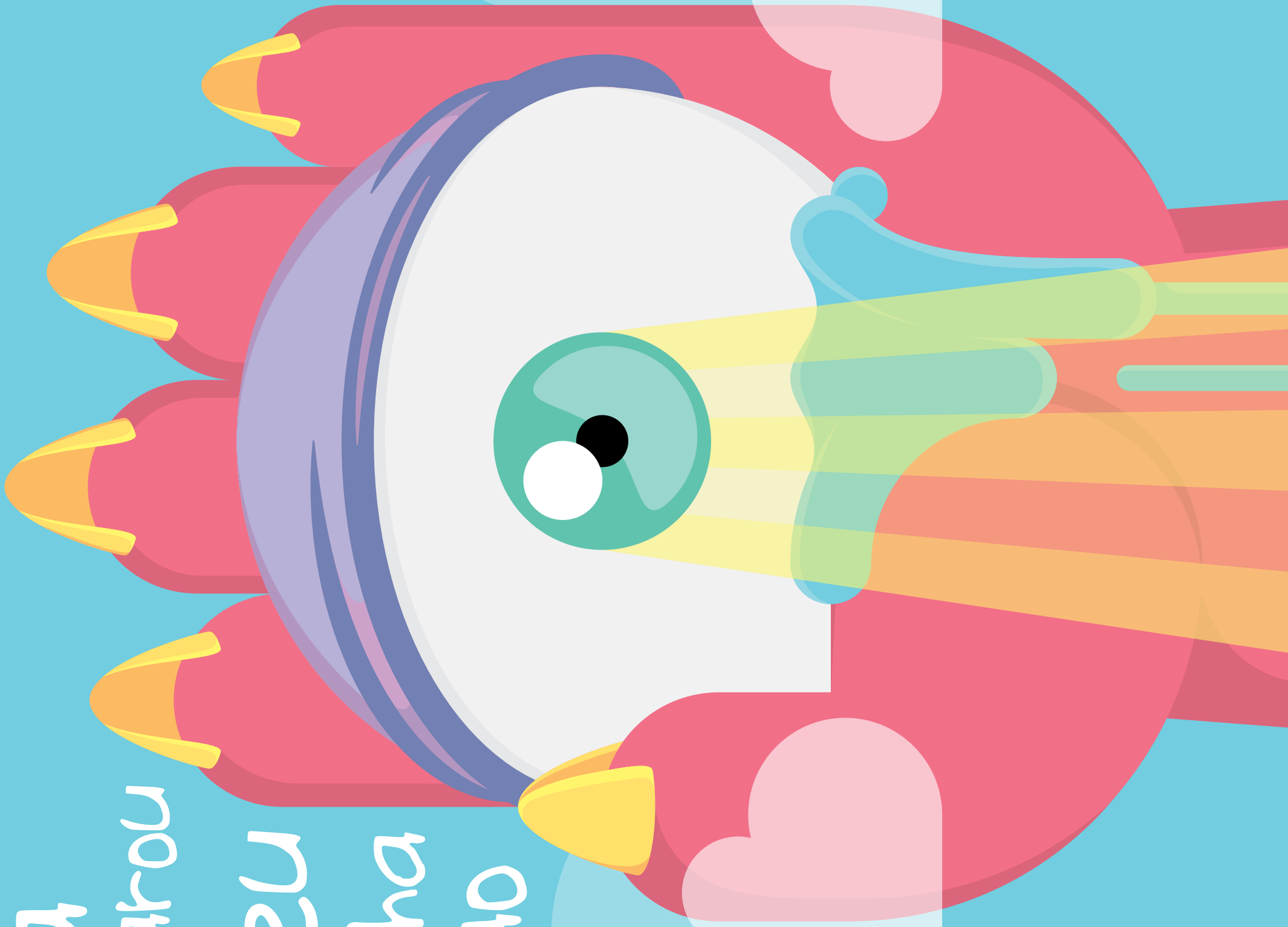
rum, pi, lé:
nomes dos atabaques

obé: faca

elegun: pessoa que
incorpora entidades

ayê: terra

ela
parou
eleu
a
minha
mão

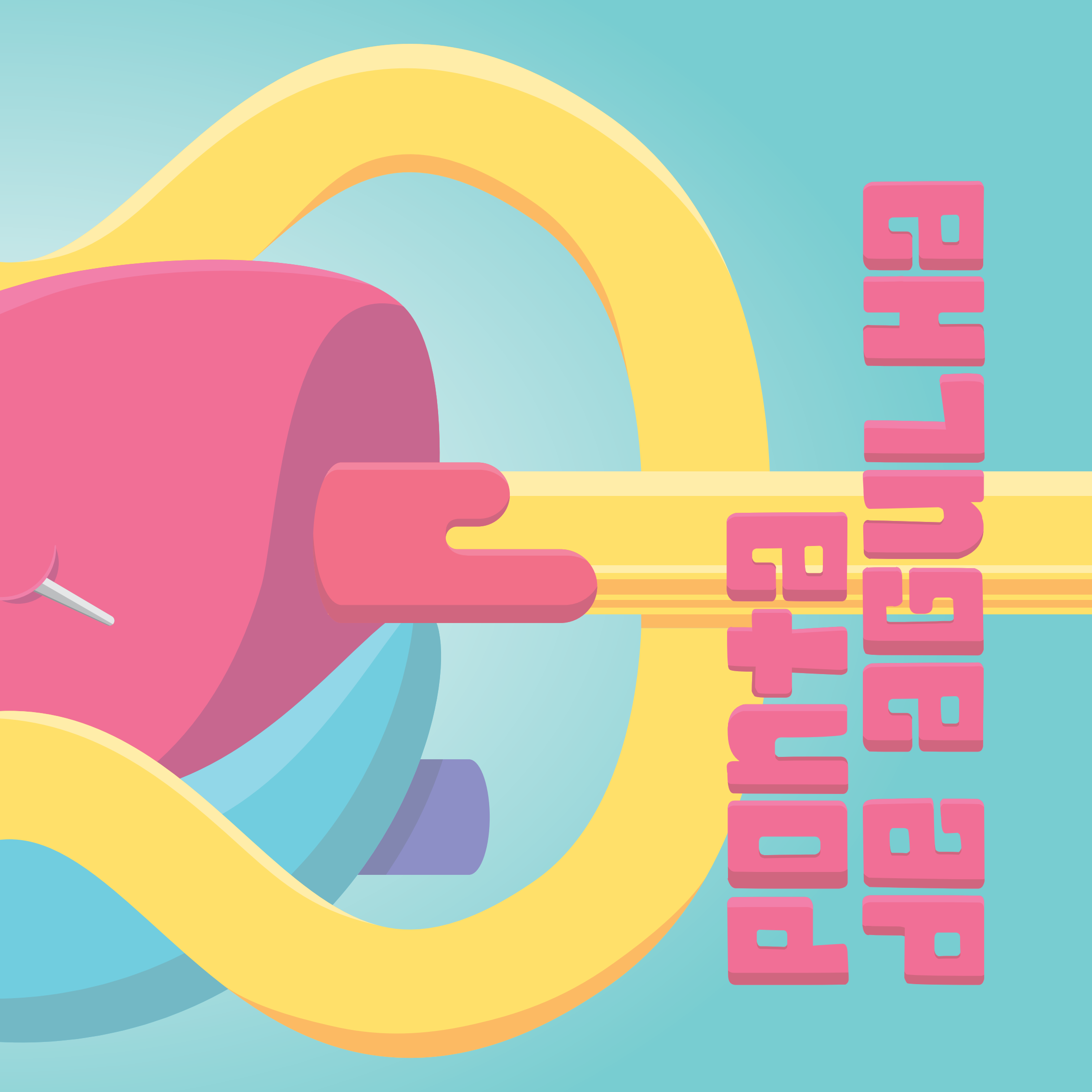


吧嗒吧嗒
吧嗒吧嗒

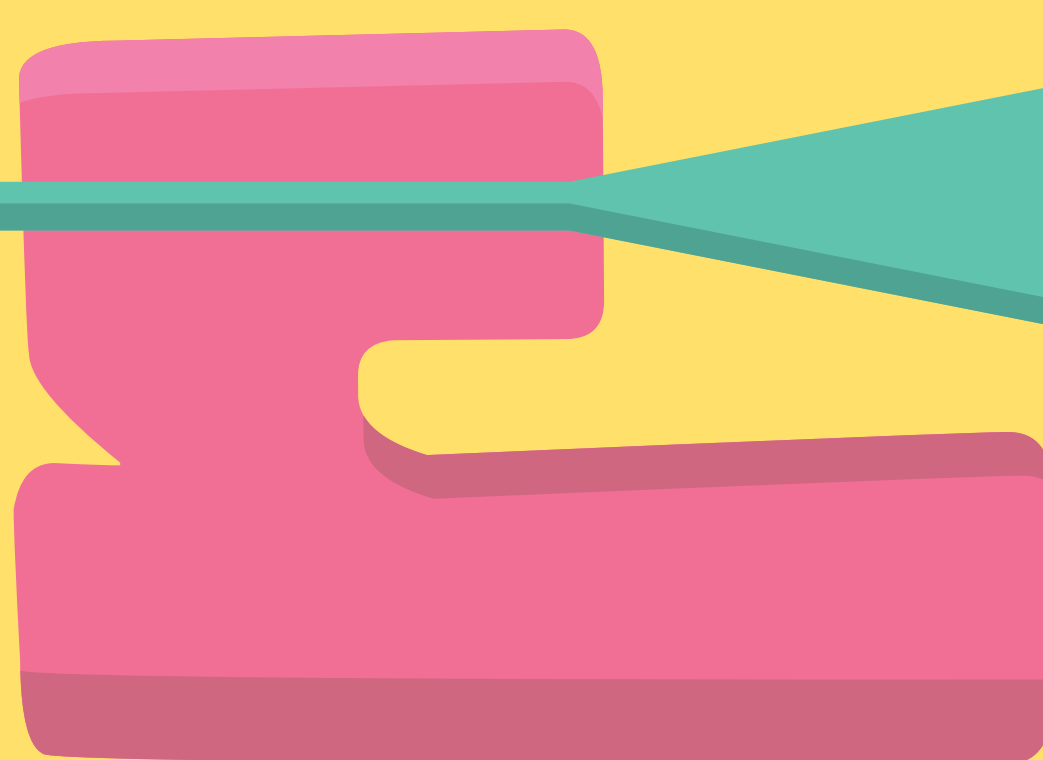
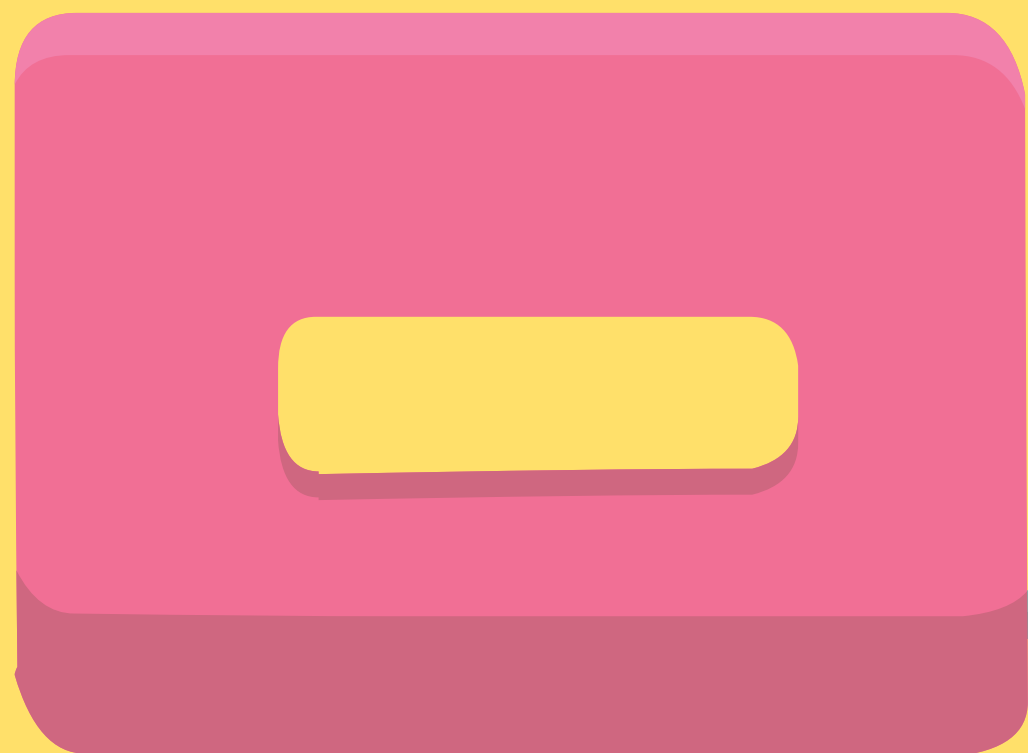


não
brinque
com ela,
não





BEYOND



FAZ

FAZ

Canção
Luandê
-Ederaldo Gentil-

na bahia, todo branco tem um nêgo na fâmia

Canção
Um Índio
-Caetano Veloso-

impávido,
tranquilo,
infalível





GOSTOU DO

ÍNDIO? POR

QUE NÃO VEM

VER?

_O candomblé baseia-se no culto a ancestralidade. Cada Orixá é a ascendência da família real de um determinado grupo étnico. Sendo assim, a origem do culto de Xangô é característica da região de Oyó. O mesmo acontece com Oxalufã, cujo culto se desenvolveu onde hoje encontra-se Elejibô, cidade na qual quando vivo foi rei.

_Quando os negros escravizados vieram para o Brasil reconheceram no índio a figura do ancestral legítimo dessa terra. Com o passar do tempo surgiu a entidade do Caboclo, que então passou a ser incorporado ao culto do candomblé. Esses encantados conhecem os segredo da mata, conhecem cada folha e sua aplicação medicinal. A eles, são ofertadas as frutas típicas dos trópicos preferencialmente as de sabor adocicado.

_Os caboclos são batizados com nomes que recriam a cultura indígena e fazem referência as paisagens naturais do Brasil. Sultão das Matas, Pena Branca, Cobra Coral, Sete Flechas, Lage Grande, Aymoré, Tupinambá. Essas entidades são reconhecidas pelo povo

de santo como entidades de trabalho. Eles descem do *orum* ao *ayê* para contar as histórias de valentia pelas quais passaram em vida e também para ajudar os fieis do candomblé que padecem de doenças do corpo e do espírito.

_A figura do caboclo é recorrente no repertório poético-narrativo do cancionero popular brasileiro, com destaque para o trabalho da cantora Maria Bethânia, que em seus shows dedica um momento exclusivo para o samba de roda. Ela leva para os discos os mesmos cantos de domínio público que são entoados pelos caboclos quando incorporados.

_As festas ofertadas a entidade do caboclo são, em qualquer terreiro, abertas ao povo de santo e à comunidade em geral, que é atraída pelo *otin* e pelo júbilo espontâneo daqueles que celebram seus protetores espirituais.

orum: céu

otin: bebida





toda menina
baiana
tem um
santo

Canção
Toda Menina
Baiana
-Gilberto Gil-

MUITA PALHA

NA CABEÇA,

ATOTO NO

CORAÇÃO

_Como bem assina-la o antropólogo Antonio Risério em seu livro *Carnaval Ijexá*, “O ioruba, para quem não sabe, é uma língua aglutinante como o tupi e o alemão”. Por esse processo de formação vocabular, é que foram formados os nomes de muitos orixás.

Por exemplo, o nome *Yemanjá*, que identifica a deusa das águas salgadas, é uma corruptela. *Yeye* significa mãe, no diminutivo e, portanto mamãezinha. *Omo* quer dizer filho ou filhos e *ejá*, por sua vez, quer dizer peixe. No sentido literal da palavra, o termo *Yemanjá* traduz-se como “a mãe cujos filhos são peixe”.

_O mesmo acontece com o nome *Obaluayê*. As palavras que integram essa corruptela são: *obá*, que significa rei, e *ayê*, que significa terra. Mais uma vez, Risério fala sobre a língua iorubana. “Ayê = nosso mundo, este nosso mundo e tudo que aqui vive (em contraposição a orum, o além)”. *Obaluayê*, portanto, significa o “rei de toda a terra”.

_Quando orixá *Obaluayê* desce à terra, incorporando seus filhos, é coberto por uma vestimenta chamada *azé*. Trata-se de uma vasta cobertura feita de palha-

da-costa. Ao *azé*, são pendurados os elementos que identificam *Obaluayê*: búzios, cabaças, *doburús*, *xaorôs*. Todos esses elementos identificam os orixás que, por razões mitológicas e energéticas, estão ligados a *egum*.

_O velho, como é chamado carinhosamente, tem uma profunda ligação com a morte. Por ser considerado o senhor da terra, ele é o responsável pelo processo de decomposição dos cadáveres. “*Obaluayê* é um santo terrível. Ele come a carne e rói o osso”, alerta a *ekedi* Zezé de Oxaguiã.

_A cantora baiana Gal Costa é adepta do candomblé. Ela foi iniciada no axé pelas mãos da *yalorixá* Maria Escolástica da Conceição Nazaré que ficou conhecida como Mãe Menininha do Gantois. Durante sua participação no programa Ensaio da TVE, Gal revela o orixá ao qual sua cabeça foi consagrada. “Meu santo de frente é *Obaluayê*. Eu sou de *Obaluayê* com *Yansã*”, afirma.

egum: espírito dos mortos

doburú: pipoca

xaorô: guizo

Canção
Chuck Berry
Fields Forever
-Gilberto Gil-

rachado
em
mil raios
pelo machado



de xangô





OXO

BERIMBAU

BERIMBAU

Canção
*Berimbau
Metalizado*
-Dória, Duller,
Miro Almeida-

curtindo o som do berimbau metalizado

pendu

rado

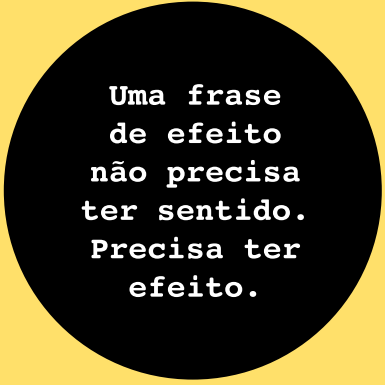
no firma

mento

_“Uma frase de efeito não precisa ter sentido. Precisa ter efeito”. Essa é a premissa inicial que guia o sentido da produção artística de Pedro Magalhães, artista e criador do Pendurado no firmamento. Concebida como uma fanpage no facebook com atualizações diárias, a obra não somente funciona como galeria virtual, mas também como ambiente de militância e troca de informações, e válvula de escape da sua subjetividade.

_Sob a técnica batizada de “dedo sobre tablet”, o artista concebe ilustrações que dialogam com paradigmas estéticos, vieses políticos, ideologias de fé e quaisquer textos que se destaquem enquanto produtores/mantenedores de discursos pré-concebidos na conjuntura social atual. A maior parte das ilustrações, contudo, estabelece-se como um grande cançãoeiro da Música Popular Brasileira, ao homenagear versos e construções metafóricas produzidas pelos nossos grandes artistas, propondo uma possível leitura para fragmentos de canções já bastante conhecidos pelos seus interlocutores.

_A identificação com as imagens e com a qualidade da obra tem garantido uma notável ascensão do veículo, que atualmente conta com a marca de cerca de 4.400 seguidores. A interação com o público se dá em tempo real uma vez que, ao se identificarem com as ideias ali ensaiadas, compartilham, curtem, sinalizam aos amigos. Um reforço de que, em algum lugar etéreo, as subjetividades dos sujeitos se cruzam.



Uma frase
de efeito
não precisa
ter sentido.
Precisa ter
efeito.

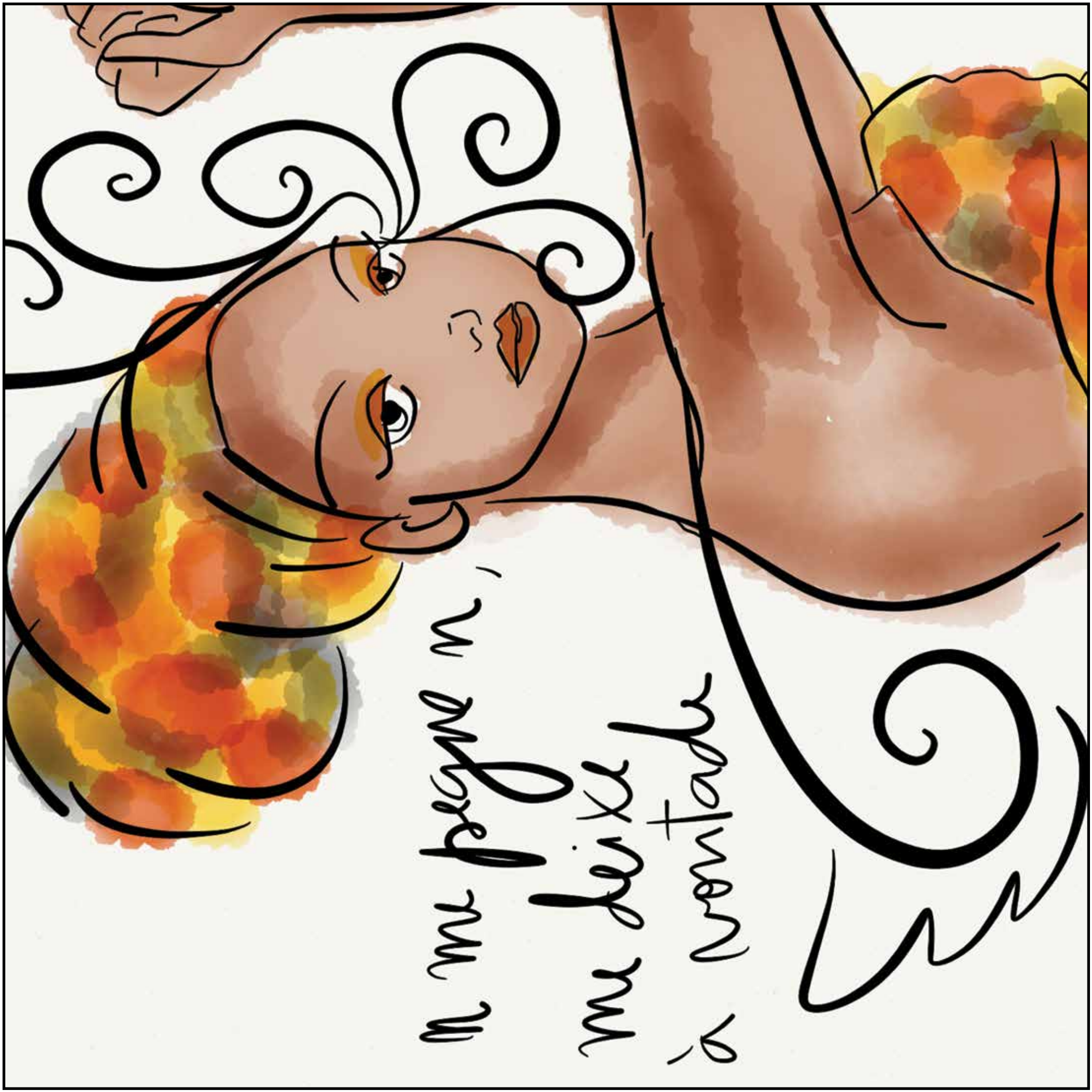
sem gestinho
num
cabinho.



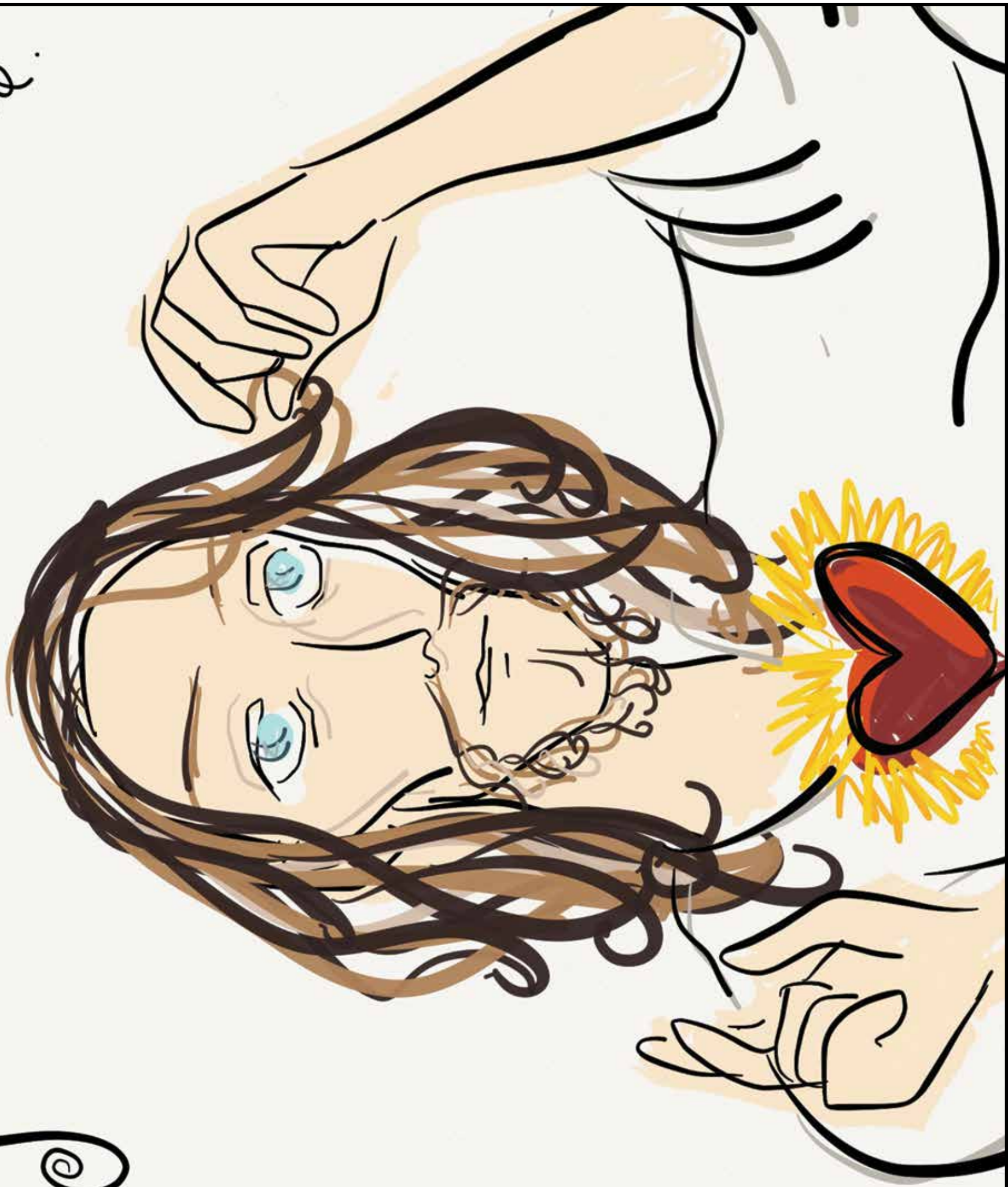


a
sawdahl
haben
eine
doem

eu me pegue m,
me deixe
à vontade



© Fivisa Já que eu vou chegar mais tarde.





**REVISTA LP
BATEMACUMBA**

número zero

**FEVEREIRO
2014
Ano 1**

- 01. Editorial (Página 03)**
- 02. Laróyé (Página 05)**
- 03. Yorubahia (Página 21)**
- 04. Axé Music (Página 33)**